



***Audiocast nooradio* – Redes Colaborativas de Conhecimento¹**

Magaly Parreira do Prado²

Faculdade de Comunicação Cásper Líbero

Resumo

A *nooradio* apresenta audiocasts interativos e customizáveis e procura aplicar os conceitos de troca e colaboração nas construções sonoras incentivando o ouvinte a ser criador. A idéia da *nooradio*, que é formada por três núcleos: paisagens sonoras, discursos e radiojornalismo é estimular o público a opinar, modificar e a se integrar às obras em esquema *bottom-up*. A intenção é poder disseminar o conhecimento entre aqueles que preferem a facilidade de ser transportado que o formato *audiocast* oferece. O trunfo maior é ser livre para ouvir o que quiser, quantas vezes preferir, no horário que bem entender, onde achar melhor.

Palavras-chave

Rádio na Internet; audiocast; webradio; redes telemáticas

Em 2005, um ano após seu surgimento, o *podcast*³, que prefiro chamar de *audiocast*, virava febre entre aqueles que procuravam outra opção além do velho rádio no *dial*. A era do ouvinte como radialista estava instalada, pois havia um ambiente propício para isso acontecer. Justifico a preferência pelo termo *audiocast* com o fato de que não há necessidade de se estar atrelado ao Ipod, aparelhinho da marca *Apple* e, a nenhum outro *player* portátil, uma vez que para ter acesso à audição ou à produção de um *audiocast*, basta entrar em programas que gravam, editam e tocam. Ao desenvolver a dissertação “*Audiocast nooradio* – Redes colaborativas de Conhecimento” encantou-me a idéia de criar um instrumento para propiciar as condições de busca e compartilhamento de saberes por meio de uma comunidade de internautas e *audinternautas*⁴ na forma de uma rádio, na Internet, *customizável* por inteligências múltiplas. No início, o objetivo era lidar com a arquitetura da informação radiojornalística e programação musical em rede, com o melhor da usabilidade possível, trabalhando com *related tags*, para permitir que os próprios ouvintes classificassem seus

¹Trabalho apresentado no NP Rádio e Mídias Sonoras do Intercom - VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008.

² Mestre em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC/SP, especialista em Comunicação Jornalística, pela Faculdade Cásper Líbero, onde é docente no curso de Rádio e TV. É docente no curso de Rádio e TV, da Uniban – Universidade Bandeirante de São Paulo, na qual também ministra disciplina de Jornalismo Especializado e Segmentado, no curso de Jornalismo. Email: magalyprado@uol.com.br

³ *Podcast* é um programa ou programete “pendurado” na Internet para audições e reprises das audições em qualquer horário, já que são colocadas à disposição do ouvinte.

⁴ O termo *audinternauta* foi proposto por Lucia Santaella em substituição ao termo utilizado anteriormente: *ouvinternauta*. Trata-se do ouvinte de rádio na internet.



programas. Entretanto, concentrar a pesquisa apenas nos núcleos rádio e jornalismo não me satisfazia, pois também me pareceu fundamental resgatar a *radioarte*, que perdia espaço a cada dia no Brasil, assim como me pareceu fundamental incluir o áudio de aulas, palestras. Para que mais pessoas tivessem acesso a essas fontes de idéias, falas perdidas, desperdiçadas. As gravações, para registro, dessas falas poderiam ficar à disposição para audição, de modo a funcionar como ferramentas epistemológicas. Sem contar aqueles que ouviram, mas gostam de ouvir outra vez. Fechada a estrutura: espaço para *radioarte*, audioaulas, audiopalestras e radiojornalismo, era preciso descrever o conteúdo desses núcleos. Diagnosticar sua pertinência.

A hipótese inicial foi verificar se seria possível deixar todo o conteúdo livre e aberto para modificação, para a interação total dos internautas. Mas, a necessidade de pedir autorização para autores inviabilizou o projeto na sua primeira versão. Considerou-se, assim, mais adequado aumentar o grau de *customização* aos poucos. No pólo criativo, a interação deixa o *audinternauta* à vontade para *remixar* e republicar produtos liberados pelo autor, o que transforma os usuários em co-autores. O intuito maior foi e é provocar aquele ouvinte descontente detectado na pesquisa⁵ a mudar a produção radiofônica predominante. No pólo das aulas e congressos, a idéia é apresentar discussões que possam aumentar o conhecimento do usuário. No núcleo dedicado ao radiojornalismo, o *audinternauta* é incitado a dar sua opinião, e de quebra, repercutir as notícias ali apuradas. Aqui, vale ressaltar que foram escolhidos alguns temas relacionados para o noticiário: tecnologia, cultura, educação, entretenimento e lazer.

No começo, a rádio não tinha um nome definido. Foi chamada de *radioradio*, *reradio*, *raudio*, *metaradio*, *radiotag*, *iradio*, *rádio nômade* etc. Somente depois de participar de um encontro com Derrick De Kerckhove na ECA-USP, em novembro de 2007, que houve a inspiração e a rádio ganhou seu nome definitivo: *nooradio*. A idéia de estudar o *audiocast customizável* irrompeu nas reflexões filosóficas das primeiras aulas de epistemologia, e era preciso criar uma taxonomia própria na forma de *radiobuttons*⁶ para melhor visualização do *audinternauta*, fazendo com que a autocriação radiofônica na Internet, a partir de seus consumidores, tivesse um formato, ou micro-formatos, líquidos, com fórmulas criando outras fórmulas. O primeiro capítulo da dissertação intitulado “*Audiocast livre: um produto da comunidade dos descontentes*”

⁵ Pesquisa “Rádios na Internet, um formato líquido” desenvolvida entre 2005 e 2006, no CIP – Centro Interdisciplinar de Pesquisa, da Faculdade Cásper Líbero. Foram aplicados 98 questionários com possíveis ouvintes de rádio fora do dial, que em sua maioria demonstrou insatisfação com o que ouvem. Pesquisa disponível na Biblioteca da Cásper.

⁶ *Radiobutton*, também conhecido como *Option Button*, é um elemento de seleção de escolha.



começa pela parte procedimental com as marcações dos instrumentos utilizados recaídos principalmente nas navegações e nas audições. Ao explicar o formato radiofônico *audiocast*, o destaque foi para a mobilidade, a portabilidade e a facilidade com que programas de rádio podem ser produzidos, inclusive pelos internautas. Toda a exposição mais reflexiva do projeto tem como objetivo vincular à rádio escolhida, a *nooradio*, para abrigar o plano, um uso perturbador, ao utilizar a mídia rádio com outra criatividade, a de deixar internautas subvertendo o rádio *mainstream*, como uma corrosão do próprio sistema da radiodifusão estabelecido em uma rádio aumentada, alterada. O segundo capítulo defende o desfecho do projeto, a implantação de uma rádio na Internet em formato *audiocast*, portanto é a descrição da teoria conceitual de cada um dos pólos de conteúdo da *nooradio*, que vão gerar sua estrutura com as paisagens sonoras, os *descursos*⁷, o radiojornalismo especializado e as músicas distribuídas com *download* gratuito na rede. Discorre sobre a temporalidade da Internet, que é a da demanda. Elenca as possibilidades de reciclagem que embaralha e faz uma colagem, de interação do *audinternauta*, comparado a um “argonauta digital”⁸ (Petry, 2007). O terceiro capítulo, “Música em fluxo: programas que simulam rádios e a experiência estética em redes telemáticas” relaciona as partes anteriores, ou seja, do *audiocast* e da *nooradio* com as novas formas de se ouvir música. Como a mediação das redes telemáticas transforma o ato de ouvir música? Quais são as características dos programas que simulam estações de rádios? Em que momentos esses aplicativos encorajam o desenvolvimento de espaços sociais e estimulam a emergência de uma inteligência coletiva? O capítulo discute essas questões e apresenta dois estudos de caso. A idéia principal é aplicar o conceito de experiência estética para analisar as vivências das músicas em fluxo nas redes telemáticas. Porém, neste presente artigo, o foco é a explicação do funcionamento da *nooradio*, deixando de lado os demais capítulos e as considerações, que diga-se de passagem, estão longe de serem finais. Até porque não considero este projeto fechado, concluído, ao contrário, está sem ponto final, como em um percurso, um caminho que continuará a ser percorrido. Sistemas fechados, não interessam, não desenvolvem, fazem parte de um mundo anterior (Brissac, 2007⁹). A

⁷ A idéia de denominar *descursos* foi uma alusão a (des) cursos. O prefixo des utilizado para propor ações descentralizadas e cursos por tratar-se de um espaço para aulas e falas de palestras, seminários etc.

⁸ Anotação de aula: o termo “argonauta digital” foi citado pelo professor Luís Carlos Petry, no TIDD, da PUC-SP, em outubro de 2007. Trata-se de uma referência aos tripulantes da nau Argos que acompanharam Jasão à Cólquida, em busca do Velo de Ouro; por ext. navegador ousado.

⁹ Anotação de aula de Nelson Brissac, do programa de Mestrado TIDD- Tecnologias da Inteligência e Design Digital, da PUC-SP. Agosto de 2007.



sociedade hoje é aberta, suscetível a intervenções. E novas mudanças tanto na proposta da *nooradio* que está na versão beta, como na maneira de pensar o espaço radiofônico, estão sujeitas a transformações permanentes operando no âmbito da complexidade. A *nooradio* está criada na web e sob teste, à deriva, já possui um desenvolvimento posterior à sua existência, está aberta para o imprevisto, imediatamente à sua hospedagem, começa a constituir a sua existência, mostrar suas remixagens pervasivas. Uma autopoiesis, a continuidade da obra, gerando em processo evolutivo, recebendo e crescendo, sempre em transformação em auto-reprodução. Afinal, todo sistema deve ser testado, ainda mais nesse mundo ciberinterativo. Foi notório detectar que o público pode ser um participante de reivindicações de melhor distribuição da informação, quando lhe dão espaço, e mais, nos modelos atuais da radiofonia, ele pode ser capaz tanto de comandar um programa de rádio, criar arte sonora, se lhe interessar, quanto apenas discernir, entre as produções de áudio que lhe são apresentadas, a que mais lhe agrada. Além disso, a participação ativa das produções pode tornar-se uma perfeita arena, melhor ainda se puder ser uma arena livre! É o que o site *nooradio* propõe. E no presente projeto, a *customização* é incentivada como uma forma de *remixagem* de idéias expostas, recriadas, produções próprias da cibercultura, sem barreiras a quem mais quiser ouvir. A completa falta de controle sobre a apropriação da informação na era digital vem sendo discutida no meio jornalístico e inquieta aqueles que se preocupam com a propriedade intelectual. Os impactos da emergência de uma economia baseada no conhecimento afloram e causam alvoroço no mercado, a ponto de grandes empresas de comunicação aderirem à prática da apropriação, ao abarcar toda e qualquer forma de mídia, de comunicação, desde a produzida por profissionais até aquelas produzidas pelos próprios consumidores.

Ao considerar o quadro esboçado anteriormente, nesse contexto, parece-nos viável lançar, sem susto, o jornalismo aberto da *nooradio*. Diariamente nos deparamos com artigos que alardeiam o comportamento que envolve interatividade com os usuários. Procedimentos são criados a todo instante, na tentativa de barrar a avalanche da re-apropriação social da informação, no entanto é preciso ousar dizer que não existe a menor chance de impedi-la. E os profissionais precisam habituar-se a conviver com a nova ordem da comunicação. A arquitetura do ciberespaço propõe uma estrutura diferenciada para gerar a informação, as paredes virtuais também foram percebidas e



estão em constante ebulição. John Perry Barlow¹⁰ complementa a idéia de liberdade na era da comunicação digital com os preceitos da fronteira eletrônica e sua luta para não deixar ninguém interferir no conteúdo da rede. Barlow preconiza que ninguém, nem o governo, deve ter domínio soberano pela Internet e que as idéias não podem ser consideradas propriedade privada. Para a identificação de como nasce a rede de um movimento colaboracionista, Richard Barbrook¹¹ é valioso. Aqui, ele esclarece o esquema da cobrança por conteúdo informativo na rede: “O sistema tradicional de mídia de massa, que foi construído a partir da idéia da venda de informação, está sendo destruído. Na mídia tradicional, a informação tem que ser comprada e vendida, tudo tem que ser protegido por direitos autorais”. E finaliza: “Essas duas idéias (venda de informação e direito autoral) acabaram caindo juntas.” A disseminação irrestrita das idéias ajuda a sociedade a diminuir o fosso da desigualdade intelectual, principalmente em países como o Brasil, portanto reformular as leis de *copyright* pode favorecer o desenvolvimento.

A nooradio propõe práticas ciberculturais recombinantes

Tendo em vista que a proposta desta dissertação de mestrado é discorrer sobre rádios autônomas na Internet, e desenvolver um projeto no formato *audiocast* livre, em que o receptor torna-se o protagonista, derrubando de vez a função de *gatekeeper* do emissor, esta apresentação pretende concentrar-se na explicação de como funciona o site-blog que abriga a idéia da *nooradio*, uma rádio acima de tudo participativa. Justifica-se a escolha do formato *audiocast* pela própria configuração da produção radiofônica atual, imersa (no sentido de mergulhada) nas redes telemáticas. No caso do projeto da *nooradio*, a proposta é romper esse paradigma, o banco de dados com todas os programas é colocado à disposição do *audinternauta*. E o essencial é que essa programação, por meio de contribuições do próprio ouvinte, será acrescida e alterada, conforme sua participação com material inédito ou *remixado*. E, além disso, pode ser customizada nas áreas de conteúdo, que são também alimentadas pelo consumidor, em uma maneira de democratizar a comunicação da *nooradio* e incluir o papel do internauta como radialista, na era das mutações do áudio no ar e no ciberespaço.

O conteúdo da nooradio

“Em uma sociedade verdadeiramente democrática, a paisagem sonora será planejada por aqueles que nela vivem, e não por forças imperialistas de fora”.
(Murray Schafer)

¹⁰ John Perry Barlow é co-fundador da Electronic Frontier Foundation e ex-letrista da banda de rock Grateful Dead. Barlow costuma dizer que não adianta nada escrever a melhor canção do mundo, se ninguém tiver acesso a ouvi-la, em entrevista a Daniel Bramatti, no Terra Magazine, de Bob Fernandes, em 28/6/2007. Ver nas referências.

¹¹ Richard Barbrook, ex-punk londrino, fundou diversas rádios comunitárias nos anos 80, com essa experiência, lançou o livro *Media Freedom*, de 1995, é catedrático do Centro de Pesquisas em HiperMídia. Ver nas referências.



O planejamento da *nooradio* contemplou três áreas principais de conteúdo: as paisagens sonoras, os *descursos*¹² e o radiojornalismo. A área experimental, a de customização realizada pelos *audinternautas*, ocorre no núcleo das paisagens sonoras, em que é possível ouvir, baixar o áudio, alterá-lo e republicá-lo. O núcleo denominado *descursos* é a área educativa, na qual é possível ter acesso a aulas, conferências, palestras, etc. e a interação se configura na conversa com aqueles que proferiram as falas. O radiojornalismo (específico da *nooradio*) é o pólo que agrega notícias e que induz o *audinternauta* a pensar e reagir com sua opinião, além de constituir-se também como um pólo opinativo sobre os acontecimentos da sociedade do conhecimento, por meio de boletins culturais e de tecnologia em uma malha contínua de informações. Porém, o que merece destaque é a possibilidade de excitar o *audinternauta* a editar áudios como preferir. Aqui vale salientar que o procedimento da edição envolve cortar e não somente adicionar. Permite, assim, personalizar os áudios e obter, sua obra sonora também *customizável* por qualquer outro ouvinte, em um círculo mutante de *audiocast* elástico. Essa idéia do elástico já foi esboçada por Ted Nelson ao se referir ao “texto elástico”. Ainda podemos lembrar o “Labirinto da Hiperídia”, de Lucia Leão, no trecho “... stretch text, aquele que se expande e se contrai de acordo com a requisição de mais informações. O termo hipertexto [também de Nelson] exprime o sonho de manter os pensamentos em sua estrutura multidimensional e não-sequencial.” (Leão, 1999:21)

Pólo de paisagem sonora

A escolha do termo “paisagem sonora” baseia-se no conceito de *soundscape*, desenvolvido pelo compositor canadense Murray Schafer¹³. Em seus estudos, Schafer valorizou a riqueza sonora dos ambientes e defendeu o conceito de ecologia sonora. Para ele, a percepção da pluralidade de sons deve ser instigada pelo ato de limpar os ouvidos para perceber os diferentes sons, dos naturais aos urbanos.

“Paisagem sonora é o ambiente sonoro. Tecnicamente, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando consideradas como um ambiente.” (Schafer, 1997: 366)

No site *nooradio*, o pólo das paisagens sonoras é dedicado a produções que ganham essa denominação e ainda a peças radiofônicas e *radioarte*. Ou seja, trata-se de

¹² Descursos no sentido de um discurso que pode ganhar interferência de quem ouve: a audiência ajuda a escolher os rumos da fala.

¹³ Murray Schafer criou em 1971 o projeto Paisagem Sonora Mundial sediado no Estúdio de Pesquisas Sonoras do Departamento de Comunicação da Universidade Simon Fraser, Colúmbia Britânica, Canadá, dedicado ao estudo comparativo da Paisagem Sonora Mundial.



um abrigo para todo e qualquer evento sonoro criativo, e principalmente livre, disponível para audição e, sobretudo, proposto ao *audinternauta* que queira se expressar em um espaço de experimentação. Segundo a definição de Schafer, a paisagem sonora é composta por determinados elementos formadores: ruído, silêncio, timbre, amplitude, melodia, textura e ritmo. O projeto *nooradio* amplia esses elementos. De fato, a intenção é exatamente não ter regras definidas, e sim, deixar livre a comunidade de *audinternautas* do *nooradio* para compor sua paisagem como achar mais interessante para audição, construindo um marco sonoro. Pode ser uma música, uma música com fala, uma fala, uma fala com música, essa fala pode ser prosa, poesia, notícia, uma trilha, uma seqüência de efeitos sonoros, incluir barulhos, dos mais delicados aos ensurdecedores. Os exemplos podem parecer exagerados, mas desejamos, aqui, assinalar que o espaço é de interatividade total e irrestrita, possibilitando a criação de peças de áudio variadas, das singelas às mais turbulentas. Como bem enfatiza Murray Schafer: “A paisagem sonora é dinâmica, transformável e, assim, possível de ser aperfeiçoada.” (1977:11)

Participação na *nooradio*

O projeto *nooradio* parte do conceito de tecnologias da inteligência, no sentido desenvolvido por Lúcia Santaella (2007:79): “Tecnologias da inteligência são ‘sine qua non’ tecnologias interativas. Por isso mesmo elas nublam as fronteiras entre produtores e consumidores, emissores e receptores”¹⁴. Assim, o design da interface do *nooradio* convida o internauta a assumir papéis pró-ativos e colaborar com o conteúdo. Ao ouvir uma paisagem sonora, ele pode somente usufruir dessa audição ou pode baixá-la, alterá-la como lhe convier e republicá-la. Caso não queira mudá-la, pode apenas ouvi-la. Ao criar a própria paisagem (aqui englobando os vários formatos já citados, como a peça radiofônica ou a *radioarte*), o *audinternauta* poderá disponibilizá-la à comunidade de usuários da *nooradio*. Nesse caso, outros membros poderão interferir na sua obra, *customizando* e personalizando o que virá a ser outra obra. Os créditos do original e dos parceiros vão se somando. Nada poderia ser mais solto e maleável, sem amarras, sem barreiras, para proporcionar idéias sonoras livres de qualquer tipo de impedimento e, claro, aguçar os “ouvidos pensantes”. Nesse sentido, a *nooradio* relaciona-se com obras artísticas em rede, que enfatizam a criação on-line em co-autoria. Lúcia Santaella comenta esse modo comunitário de fazer arte:

¹⁴ Ouça a audiopalestra de Lúcia Santaella falando sobre a morte do estilo - as modificações e o possível desaparecimento das capacidades individuais, no núcleo Descursos, no site: <<http://www.nooradio.com.br>>



“Existem projetos até mesmo em que um número de artistas trabalham juntos on-line, em tempo real, em um ambiente colaborativo compartilhado, significando com isso a emergência de novas estruturas de pensamento, sensibilidade e criação que dependem de deliberações coletivas para os caminhos que se buscam.” (2007:78).

Santaella vai além e seu pensamento alinha-se ao que a idéia da *nooradio* busca - dar oportunidade para que os descontentes com o que ouvem no *dial* convencional possam enfim sair da condição de meros receptores, à medida que têm pontos de contato com essas poéticas em rede:

“O espaço aberto para o receptor é também espaço de inclusão, quando, por exemplo, o artista convida seu público a re-mixar sua proposta na espera curiosa das mutações que podem resultar do papel performático que o público passa a desempenhar. Além disso, trabalhos colaborativos e generativos engajam não apenas indivíduos, mas comunidades inteiras, que projetam suas existências nas redes por meio de agenciamento coletivo” (Santaella, 2007:78-79)

Peça radiofônica

Outra opção incentivada pela *nooradio* é trabalhar peças radiofônicas. Entende-se por essa denominação, produtos sonoros que envolvem teatro, literatura e música, baseados em elaborada sonoplastia, que inclui ruídos devidamente editados e cortados tecnicamente, aproveitados da arte cinematográfica, mas que, neste projeto, pode abarcar outras modalidades acústicas. A intenção é provocar que se vá além da simples narração de contos para a efetiva dramatização sonora com a possibilidade de utilização de todos os recursos técnicos disponíveis, de modo que o som transmita uma história.

Apesar de ter sido inaugurada pelos ingleses, da rádio BBC¹⁵, de Londres, e ganhar notoriedade entre os alemães, a peça radiofônica (*Hörspiel*¹⁶), tornou-se tradição na Alemanha. Porém, a peça radiofônica mais célebre, desde o surgimento do gênero, nos anos 20, veio dos Estados Unidos. Trata-se de “Guerra dos Mundos”¹⁷, dirigida por Orson Welles, uma ficção científica adaptada da obra de H.G. Wells que colocou a população de Nova Jersey em pânico, porque estavam convencidos de uma invasão de marcianos. Uma prova clássica do poder de persuasão e criação de imagens que a mídia rádio oferece. Lilian Zaremba¹⁸ reflete:

“O programa Guerra dos Mundos realizado por Orson Welles ou a Trilogia da Solidão¹⁹, do canadense Glenn Gould, embora extremamente distintos podem nos auxiliar a delimitar este território classificado como *radioarte*. Welles, obedecendo aos padrões de programação de uma emissora comercial,

¹⁵ A Comedy of Danger, de Richard Hughes, no ar em 1924, pela BBC- British Broadcast Corporation

¹⁶ *Hörspiel*, numa tradução literal, é peça para ser ouvida.

¹⁷ Ouça “Guerra dos Mundos” no núcleo Paisagens Sonoras no site no endereço: <<http://www.nooradio.com.br>>

¹⁸ Lilian Zaremba é roteirista e produtora da MEC-FM (RJ), pesquisadora doutora formada pela ECO-UFRJ.

¹⁹ Ouça “Trilogia da Solidão” no núcleo Paisagens Sonoras no site no endereço: <<http://www.nooradio.com.br>>



conseguindo inaugurar diferenças radicais utilizando tecnologia que ainda engatinhava. Gould, criando sob encomenda para emissora pública, na era da transmissão em estéreo e não precisando obedecer a nenhum padrão, igualmente organizou nova concepção de mensagem radiofônica. Qual deles, Welles ou Gould, teria produzido *radioarte*? Sem dúvida, os dois.” (Zaremba: 2007:2)

A peça radiofônica “Para pôr fim ao julgamento de Deus”²⁰, do poeta e dramaturgo Antonin Artaud²¹, em 1928, proibida pela Rádio Nacional Francesa é um marco sonoro na França. No Brasil dos anos 30 e 40, a radionovela era bastante popular. No campo experimental, destaca-se o radioteatro. O radialista Henrique Foreis Domingos, conhecido como Almirante, inaugurou esse formato. Alcançou sucesso com o programa “Incrível, Fantástico, Extraordinário!”, nas décadas de 40 e 50.

A *nooradio* baseia-se nas possibilidades permutacionais dos bancos de dados digitais, lembrando que se trata de edição livre para cortar trechos, inverter a ordem, incluir comentários, o que vale dizer que tudo que o *audinternauta* prefira fazer é possível. O resultado é a criação de peças radiofônicas mutantes. Será possível resgatar produções radiofônicas perdidas, esquecidas, que têm vigor ainda hoje, como o “*rádio da crueldade*”, produzido por Artaud, e ouvido por poucos. Aí estão, parafraseando Julio Cortazar e seu “Jogo de Amarelinha”, os rádios que habitam dentro do rádio.

Radioarte + feature

“*Cuide dos sentidos que os sons cuidarão de si mesmos!*” (Lewis Carrol)

A *nooradio* também estimula a *radioarte* para audição ou para criação. O incentivo é a convergência de voz, palavras, música, sons, explorando as possibilidades criativas. Experiências de arte acústica que vão da ecologia sonora, do *feature*, radiodocumentários, passando por declamação de poesias, chegando às instalações sonoras e sonoras, ou performances radiofônicas, trazem um universo infindável de possibilidades artísticas para tencionar uma nova estética de *radioarte*, a do século XXI.

No entanto, não podemos deixar de mencionar projetos de *radioarte* que trilharam caminhos alternativos e atuam em nichos de público. Ao unir a paisagem sonora, a peça radiofônica, a *radioarte* e qualquer outro tipo de experiência sonora, o espaço do *nooradio* é próprio para usar, ouvir, reouvir, renovar e modificar, a partir de áudios que estiverem disponíveis para alteração, ou em domínio público, constituindo um repertório material riquíssimo para o uso, o que pode alargar o poder de criação.

Núcleo de *nooradiojornalismo*

²⁰ Ouça “Para por fim ao julgamento de Deus” no núcleo Paisagens Sonoras no site: <<http://www.nooradio.com.br>>

²¹ Antonin Artaud escreveu inúmeras peças teatrais. “Para pôr Fim ao Julgamento de Deus” foi sua única peça radiofônica, ouvida apenas por intelectuais. O escritor francês morreu um mês depois do veto à transmissão.



No núcleo de radiojornalismo em rede, foram escolhidos alguns assuntos para nortear o noticiário: sociedade do conhecimento, informações sobre tecnologia, o ciberespaço, e notícias de cultura e entretenimento. Destina-se a informar o *audinternauta* e abrir espaço para deixá-lo opinar sobre os temas abordados. Foi pensado para funcionar como uma rádio em expansão, que abriga *audiocasts* da audiência com assuntos relacionados. O intuito é provocar uma participação ativa que o caracterize como jornalismo aberto, ou ainda jornalismo colaborativo. Isso significa que qualquer usuário ou freqüentador da *nooradio* pode participar, e não apenas jornalistas. De qualquer forma, cabe salientar, trata-se de um repórter-colaborativo aliado do profissional, que não está competindo com ele. Assegura-se liberdade de expressão, tanto na opinião emitida como na sugestão de pautas e na colaboração efetiva da confecção das reportagens, valorizando um noticiário que tem o receptor também no papel de emissor, coletando e apurando os fatos. Isso sugere a democratização da informação, já que qualquer pessoa tem a oportunidade de noticiar e repercutir. Com os boletins informativos à disposição no núcleo de radiojornalismo da *nooradio*, o internauta participativo ficará por dentro das novidades do mundo da cibercultura, em tempo real, de uma maneira diferente, com os próprios usuários fornecendo o noticiário, o chamado UGC - conteúdo gerado pelo usuário. É a nova maneira de trabalhar com muitos para muitos. Observamos, assim, o jornalismo colocar-se no centro da conversa, que domina a Internet, abrir espaço para que essa conversa se estenda a pessoas que se interessam pelos mesmos assuntos. O *nooradio* proporciona o estímulo para que o internauta opine, embora provavelmente essa opinião seja muitas vezes ingênua ou até homogênea, um risco com ferramentas de jornalismo aberto. Paul Virilio afirma que “a informação que deveria ser ‘democrática’ não o é mais. Caímos então nos mecanismos clássicos da propaganda”. Isso de fato ocorre na Internet. Temos a proliferação de canais distribuindo padronizações pasteurizadas. A *nooradio* surge em resposta a uma necessidade de abrir um canal para informar alternativas fora do interesse homogeneizante da mídia *mainstream*. Por isso é necessário que surjam canais capilares, descentralizados para os discursos não instituídos. Nesse sentido, a *nooradio* pode ser descrita, a partir do conceito de *rizoma* de Deleuze e Guattari. Virilio em seu livro “*The Information Bomb*” (2000) inicia uma nova discussão desenvolvendo uma analogia sobre a guerra. Na sua visão, a guerra tem três etapas que correspondem às três dimensões da matéria: massa, energia e informação. Até o século XIX, tanto as massas de soldados como as fortificações eram elementos predominantes. Em um



segundo momento, predominou a energia, que se tornou o elemento fundamental desde a bomba comum à bomba atômica. Virilio, explica que o elemento primordial da terceira fase da Guerra é a informação, capaz de destruir culturas. Em suma, o autor aponta para a capacidade destrutiva da informação, não mais vista como instrumento de libertação. É interessante notar que Virilio, em sua crítica à padronização de opiniões, revela o quanto a democracia parece impossível. Ele chama essa fase de sincronização das emoções, pois além da padronização das opiniões, os meios de comunicação, com suas transmissões ao vivo, favorecem as emoções simultâneas. No entanto, para Virilio, a democracia pela emoção pode ter efeitos devastadores, tal como foram os vistos no uso que os nazistas fizeram de emissoras de rádio em transmissões simultâneas por toda a Alemanha. Em outras palavras, essa alucinação e loucura coletiva, para as quais Virilio alerta, também podem ser instigadas pelas redes telemáticas. Virilio adverte para o “espaço-tempo transtornado pelas teletecnologias da ação à distância”, o filósofo francês comenta as transformações provocadas pelas teletecnologias aos conceitos de espaço e tempo. No entanto, ao criar um repositório de discursos diversos, isso se relaciona. O projeto da *nooradio* está voltado para a distribuição do áudio para aqueles que não têm oportunidade de assistir às palestras. Virilio refere-se à ecologia urbana, “uma ecologia que não se dedicaria mais às poluições atmosféricas e sonoras das cidades, mas ao aparecimento intempestivo desta ‘Cidade-Mundo’ totalmente dependente das telecomunicações que está sendo construída neste final de milênio”. Isso pode ser relacionado à reflexão de Murray Schafer que trabalha com a ecologia sonora: “Hoje o mundo sofre de uma superpopulação de sons: há tanta informação acústica que bem pouca coisa dela pode emergir com clareza. Nossa tarefa é ouvir, analisar e estabelecer distinções.” (1977). Schafer refere-se, inicialmente à poluição sonora, um excesso de sons. Porém, por meio de edição e seleção, é possível que esses sons existentes num ambiente urbano sejam transformados e ressignificados em uma paisagem sonora. Da mesma forma, ao observar que na Internet existe um excesso de discursos, que podem ser transformados criativamente, propomos em nosso projeto, inspirados na paisagem sonora de Schafer, a criação de paisagens de discursos, a partir da edição daquele excesso.

“Que importa quem fala?” (Foucault)²²

²² “Que importa quem fala?” “*Qu’est-ce qu’un auteur?*” foi uma célebre formulação que Foucault proferiu citando Beckett ao referir-se criticamente à questão do autor. (1999)



Em continuidade aos questionamentos sobre opiniões análogas, poluição sonora, entre as inúmeras conseqüências da tecnologia, é pertinente tecer algumas reflexões sobre a afirmação instigante de que a fala não é natural. Lúcia Santaella, ao discorrer sobre os múltiplos sentidos do pós-humano em seu mais recente livro, certifica que a primeira tecnologia simbólica é a tecnologia da fala:

“Certo estava Freud ao constatar, depois da virada dos anos 1920, que o ser falante é um animal desnaturalizado. A fala os arranca do mundo natural e nos coloca, sem retorno possível, no artifício. Falar não é natural. Natural é sugar, chupar, comer, respirar. Falar, cantar, beijar, chorar e rir são funções inseparáveis de um mesmo artifício, o artifício da maquinaria simbólica que está instalada em nosso corpo.” (Santaella, 2007: 49)

O que o artifício dessa maquinaria simbólica proporciona aos seres humanos é não só o uso da fala, mas da fala a serviço da nossa opinião. Na *nooradio*, o *audinternauta* pode exercer todo o seu direito de falar, sem censura, e emitir sua audiopinião criando *audiocast* e publicando-o para que os demais se encarreguem de criticá-lo. Até porque existem nichos com gostos diversos, formando públicos-ouvintes também diversos, com opiniões muito diferentes. Nosso intuito é proporcionar uma ferramenta para o exercício da liberdade de opinião, ferramenta que oferece o poder de renovar o noticiário, de forma contínua, permitindo ao *audinternauta* usar a fala ou a escrita, como se fosse um jornalista. Por que não? Desaparece a figura do editor nesse jornalismo aberto, sem censura, na medida em que os mecanismos de postagens de informações ganham autonomia e favorecem a rede mundial de intercâmbio de informações em rádios elásticas, de “texto elástico”, *stretch text*, - aquele que se expande e se contrai de acordo com a requisição de mais informações.

Pólo dos *descursos*

O espaço denominado *descursos* (ou *des-cursos*) arquiva em áudio diversos tipos de falas, como aulas, palestras, conferências, sobre assuntos do ciberespaço. Nessa área, além de ouvir, o *audinternauta* poderá se comunicar com os autores, em *chats* periódicos que reunirão três ou quatro professores ou palestrantes. Escolhemos falas que poderão contar com a participação de internautas, destacando assim, a pluralidade, e não aquele formato em que só um fala e todos apenas ouvem. Ao propor encontros nos *chats*, a idéia é que o debate sobre o tema possa fluir, sem interrupções desnecessárias, mas, se algum internauta tiver a necessidade de questionar um palestrante, o faça, e depois disso, que possa ir se encaixando nos vãos livres que, por ventura, apareçam e possam abrigar todo o contínuo conteúdo-líquido. A proposta é que a *nooradio* tenha



espaços nesse formato líquido deslizante. Mais do que fluidos, leves, os discursos de hoje são pontuados por interferências ratificadas. Lúcia Santaella, observando o fim do estilo na cultura pós-humana, assinala que

“desde Foucault desenvolveu-se uma crescente descrença na possibilidade de uma metateoria por meio da qual todas as coisas podem ser unidas ou representadas.” [...] “Foi Foucault que nos instruiu para desenvolver a ação, o pensamento e o desejo na proliferação, justaposição e disjunção, a preferir a multiplicidade à unidade, a diferença à identidade, e a entrar nos fluxos e arranjos móveis em detrimento dos sistemas.” (Santaella, 2007:68)

Núcleo das Músicas

“*Os ambientes das discussões em rede, a ágora revisitada que o ciberespaço permite vivenciarmos, nos apresenta um elogio à polifonia*” (Lucia Leão)

Escolhemos, para o projeto da *nooradio*, músicas que, de alguma forma, estão identificadas com o caráter coletivo-democrático do projeto, portanto, músicas com *download* gratuito, distribuídas na Internet, e também as de domínio público, licenciadas pelo *Creative Commons*, ou ainda músicas de artistas que lançam seu trabalho direto na Internet. Incluem-se também todas as músicas relacionadas às paisagens sonoras. Porém, é um pré-requisito que o internauta que propuser alterações de uma paisagem sonora, sempre use para isso música liberada pelo autor. É possível incluir um *preview* de 30 segundos, no caso de músicas lançadas, mas não disponíveis para *download* gratuito, que façam parte do noticiário do *nooradiojornalismo*. As músicas estarão distribuídas da seguinte forma, na *nooradio*: em paisagens sonoras; música de fundo dos boletins informativos; em *preview* quando ela for notícia. Ainda teremos músicas fora do site *nooradio*, no blog *nooradio* (no *wordpress*) e em “rádios pessoais”, montadas em página específica da *nooradio* na Last.fm. Justifica-se o uso de apenas músicas com *downloads* gratuitos, por princípio, por acreditarmos que tudo precisa ser de graça na Internet, opinião que compartilhamos com Chris Anderson²³, editor-chefe da revista americana *Wired* e autor do best-seller “A Cauda Longa”²⁴, que, em entrevista ao Estadão, afirmou: “Tudo o que faz parte da economia da Internet é grátis. Nunca havia acontecido de toda uma economia ser construída em torno do conceito de gratuito.” Tem sido bastante discutida a questão dos direitos autorais na Internet, sejam custos de notícias, músicas, fotos, textos etc., e o que se fala sobre texto serve para pensarmos a música de hoje, passada de um pra outro através da

²³ Chris Anderson é formado em Física pela George Washington University, trabalhou nas revistas *The Economist*, *Nature* e *Science*

²⁴ Resumindo o significado do termo *cauda longa*, usado em estatísticas: é a oferta na internet de muitos produtos que interessam a poucos consumidores. Mostra o crescimento do mercado de nichos. É a mudança de foco que desvia a atenção do que está no topo para todos que estão na cauda.



rede. Vale trazer as ponderações de Lúcia Santaella a respeito de autoria, quando diz que: “Entre as inumeráveis questões emergentes no contexto da cultura pós-humana e da simbiose entre humanos e dispositivos maquínicos encontra-se o problema da autoria.” Nas palavras de Santaella, trata-se de “um problema que se liga diretamente à questão do estilo como marcas imprimidas na linguagem por um talento individual”. A autora ressalta que “se coloca em discussão o giro radical que se opera nos processos de produção e criação, quando esses processos são mediados pelo computador e suas extensões.”

“Historicamente, os textos, os livros, os discursos, só tinham autores quando eram transgressivos, e, então, o autor era objeto de castigo. Na nossa e em muitas culturas, o discurso não era originalmente um produto, uma coisa, um bem... Somente no final do século XVIII é que foram criadas as regras de propriedade para os textos, de direitos do autor e de reprodução, de relação entre autores e editores.” (Foucault *apud* Santaella, 2007: 73)

A intenção da nooradio

Considerar quantidade crescente de descontentes com o que ouvem nas rádios convencionais, no dial, e até mesmo em rádios na Internet que imitam o modelo das rádios tradicionais, levou-nos com o projeto da *nooradio* a propor a abertura de um espaço *nooradio* para interesses de nichos, em que pequenos grupos podem se manifestar. O uso do termo descontentes indica a existência de grupos com interesses culturais diferentes e não satisfeitos com certa cultura de massa homogeneizante. O propósito é incitá-los a colaborar com suas produções. E, ao jogá-las na rede, receber não só a ajuda dos internautas antenados, como as opiniões sobre essas novas produções. A interatividade é o ponto forte do projeto da *nooradio*. Mais do que apenas ouvir, o *audinternauta* é provocado a participar ativamente, como se estivesse reouvindo um áudio com outro formato, com seu estilo pessoal. Trata-se da oportunidade de passar da condição de receptores passivos, decepcionados com o que ouvem, a emissores atuantes, capazes de expressar toda criatividade, talvez reprimida ao longo dos quase 100 anos da existência do veículo rádio.

Referências

ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. (2006). Rio de Janeiro: Editora Campus/Elsevier, 2006.

_____. **A Internet cria a economia do gratuito**. Entrevista concedida a Renato Cruz para a de 26/2/2008, no Estadão.com. Último acesso em 21/3/2008.

Disponível em: <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080226/not_imp130495,0.php>

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. (1970). São Paulo: Editora Difel, 1985.

BARBROOK, Richard. **Internet é o direito à preguiça, diz cibercomunista**. Site Torque – Comunicação e Internet, 2003. Entrevista. Disponível em:



- <<http://www.torque.com.br/index.php?modulo=entrevistas&secao=entrevistas&codEntrevista=140&pagina=5&sequencia=1&codCategoria=1>> Último acesso em 17/3/2008.
- BARLOW, John Perry. **Declaração da independência do ciberespaço**. DHNet – Direitos Humanos na Internet. Davos, Suíça 8 de fevereiro de 1996. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/ciber/textos/barlow.htm>> Último acesso em 20/3/2008.
- _____. **Copyright é novo imperialismo, diz guru da web**. Terra Magazine, 2007. Entrevista. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1720466-E16584,00.html>> Último acesso em 17/3/2008.
- _____. **Vendendo Vinho Sem Garrafas, por John Perry Barlow**. (2005). Site do Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/?p=7256>> Último acesso em 21/3/2008.
- BRECHT, Bertold. **Teoría de la Radio (1927-1932)**. In.: BASSETS, Lluís (ed.). **De las ondas rojas a las radios libres. Textos para la historia de la radio**. Barcelona, Gustavo Gili, 1981.
- CANCLINI, Nestor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. (2004). Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.
- _____. **Consumidores e Cidadãos**. (1995) Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Volume I. (1999). São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. (1995). São Paulo, Editora 34, 2006.
- LEÃO, Lucia. **Labirinto da hipermídia- arquitetura e navegação no ciberespaço**. (1999). São Paulo, Editora Iluminuras, 2005.
- _____. (org). **O Chip e o Caleidoscópio – Reflexões sobre as novas mídias**. (2005). São Paulo: Editora Senac, 2005.
- LEMONS, André. **A Liberdade das Ondas. O Movimento Wi-Fi**, Salvador - Bahia, v. 2, n. 15, 2002. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/wi-fi.htm>> Último acesso em 10/3/2008.
- _____. **Ciber-Cultura- Remix**. Seminário Sentidos e Processos. Mostra Cinético Digital, no Centro Itaú Cultural. São Paulo, 2005.
- LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na era da informática**. (1990). São Paulo: Editora 34, 2006.
- _____. Entrevista ao programa “Roda Viva”, da TV Cultura, de São Paulo, 2001.
- MACHADO, Arlindo, MAGRI, Caio, MASAGÃO, Marcelo. **Rádios Livres – A reforma agrária no ar**. (1986). São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. (1964). Tradução: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e Cidade**. Vínculos Sonoros. (2007). Editora Annablume. São Paulo, 2007.
- PRADO, Magaly. **Produção de Rádio – Um Manual Prático**. (2006). Rio de Janeiro, Editora Campus / Elsevier, 2006.
- RHEINGOLD, Howard. **Multitudes Inteligentes: la próxima revolucion social**. (2004). Barcelona: Editorial Gedisa, 2004.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**. (2003). São Paulo, Editora Paulus, 2003.
- _____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. (2007). São Paulo. Editora Paulus, 2007.
- SCHAFER, Murray. **O ouvido Pensante**. (1986). São Paulo, Editora Unesp, 1992.
- _____. **A Afiinação do Mundo**. (1977). São Paulo, Editora Unesp, 2001.
- VIRILIO, Paul. **Da política do pior ao melhor das utopias e à globalização do terror**. Revista FAMECOS. Porto Alegre. nº 16. Dezembro 2001. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva.
- ZAREMBA, Lilian e BENTES, Ivana. (orgs.). **Rádio Nova, constelações da radiofonia contemporânea**, vol. 2 (1997) e volume 3 (1999) Rio de Janeiro: UFRJ, Publique, 1997.